

DE BACILOS A CAMARILHAS DE LADRÕES: O ÓDIO IMPIEDOSO DE GUSTAVO BARROSO AO JUDEU

Cícero João da Costa Filho

*Pós doutorando em História pela FFLCH/USP

RESUMO

Nas décadas de 1920 e 1930, o Brasil experimentou um momento particularmente conturbado de sua história. A tensa conjuntura política do país, que vivia uma disputa de hegemonia entre setores agrários e grupos industriais urbanos, do fortalecimento do proletário e da suposta ameaça do comunismo, somado aos efeitos da crise de 1929, proporcionou o surgimento de várias tendências políticas. Políticos, intelectuais, profissionais liberais, participaram ativamente do projeto político do país, dentre estes Gustavo Barroso. Figura importante como escritor e político brasileiro, presidente da ABL e inspirador do Museu Nacional, Barroso, em sua vasta produção bibliográfica, propôs um projeto de Brasil extremamente autoritário e corporativo, combatendo os movimentos de esquerda. Segunda figura na hierarquia integralista, Barroso denunciou uma suposta ameaça judia, caracterizando o judeu como o eterno conspirador, ganancioso, que dificultaria a construção da identidade nacional brasileira.

Palavras chaves: Gustavo Barroso, anti-semitismo, identidade nacional.

ABSTRACT

In the 1920s and 1930s, Brazil experienced a particularly troubled time in its history. The tense political situation in the country, living a dispute hegemony between agricultural sectors and urban industrial groups, the strengthening of the proletarian and the alleged threat of communism, added to the effects of the 1929 crisis, provided the emergence of various political tendencies. Politicians, intellectuals, professionals, actively participated in the country's political project, among them Gustavo Barroso. important figure as a writer and Brazilian politician, president of ABL and inspiring the National Museum, Barroso, in his vast bibliographic production, proposed an extremely authoritarian and corporate Brazil project, fighting the leftist movements. Second figure in the fundamentalist hierarchy, Barroso denounced an alleged Jewish threat, featuring the Jew as the eternal conspirator, greedy, that hinder the construction of Brazilian national identity.

Key words: Gustavo Barroso, anti-semitism, national identity.

I. ASPECTOS BIOGRÁFICOS, CONTEXTO E IDEOLOGIA.

Gustavo Barroso nasceu em Fortaleza em 1888. Filho de família tradicional, seu pai fora dono de cartório, sua mãe uma alemã chegada ao Brasil por um engenheiro encarregado de realizar obras públicas que falece quando o escritor tinha apenas sete dias de nascido. Apaixonado e admirador das forças armadas, Barroso entra em 1898 no *Parthenon Cearense*, no ano seguinte ingressa no Liceu do Ceará, em 1907 entra na Faculdade de Direito no Ceará, em 1910 dirige para o Distrito Federal e em 1912 chega ao Rio. Antissemita inquestionável, a mãe do escritor era alemã e faleceu quando este tinha sete dias de nascido, traço que para alguns interpretes de seu pensamento explica o ódio de Barroso ao judeu, tese que não se sustenta. Somado a estes aspectos, Barroso era neto do esclarecido Felino Barroso, homem de tradição iluminista, integrante do grupo de leitores reunidos em torno da Academia Francesa, leitores da vasta literatura de Darwin, Comte, Taine, Spencer, Hackel, Buckle, dentre tantos outros, disseminado no Brasil a partir de 1870.

Gustavo Barroso produziu cerca de 70 livros, segundo notifica Roney Cytrynowicz, alguns estudos chegam a mencionar a produção do integralista ultrapassando uma centena de obras, perdendo apenas para

Coelho Neto, na quantidade de obras publicadas. Para além da quantidade exata da produção intelectual do integralista, estamos preocupado com a posição anti-semita do camisa verde, de figura significativa do movimento fundado por Plínio Salgado, em 1932, do chefe de milícias do movimento. Lembremos que Barroso foi figura importantíssima na década de 1930, participou da fundação da Academia Brasileira de letras, foi o grande inspirador do Arquivo Nacional, ocupando-se da galeria “memorialística”, sua grande paixão.

Gustavo Barroso escreveu “Ensaio de sociologia sertaneja e folclore, História e biografia, literatura didática, literatura histórica, ensaios sobre arqueologia e museologia, contos e novelas regionais, romances, literatura infantil e Ensaio de temas gerais, somados a crônicas, livros de inspiração integralista, discursos, conferências de teatro, memórias, antologias”. (MENEZES, 2006)

Deteremos-nos em pontos cruciais do pensamento anti-semita do escritor, surgido, conforme o estudo clássico de Héglio Trindade, no Integralismo. Fundamentado no pensamento cristão, o Integralismo propunha uma verdadeira revolução espiritual, baseava-se no sentimento cristão, na afetividade e solidariedade entre os seres, somando elementos dispares em busca de engatar um projeto de nação ideal. O *Sigma* era o grande projeto dos integralistas, Barroso exaustivamente aponta o movimento integral, como o único movimento capaz de solver um mundo que conheceu o caos com o fim da idade média. Somente o integralismo, esteado no pensamento cristão, de Santos Tomás de Aquino, hierarquizado poderia criar ou trazer um Brasil sem a infinidade de problemas.

Hierarquia é a palavra de ordem do autor, a simpatia pelos regimes autoritários de Hitler e Mussolini, baseia na ideia de uma nação forte, no respeito e endeusamento ao chefe único, ainda que jamais podemos reduzir o integralismo brasileiro a um mero mimetismo. Discordando do fascismo e de seu “racismo” ao racismo germânico, todo o pensamento de Barroso é senão ataques e mais ataques ao judeu. A História rege-se por leis ocultas, embora pense numa história verdade, o escritor está sempre forçando a participação do judeu desde épocas remotas, e quando não encontra provas para suas argumentações mais trata de atacar a figura do judeu. O judeu de Barroso além de ser imaginário é um judeu enriquecido, grandes banqueiros e casas comerciais de poder mundial estão claramente expostos em seus textos. Desde a Companhia das Índias Ocidentais, da participação do judeu nos vários ciclos econômicos do Brasil, dos judeus da *Sinagoga Paulista*, dos Rotschild, o que vemos em seus textos é a figura de um judeu ganancioso, usurpador, espécie de sangue suga, que não se preocupa com os problemas do lugar em que está pensando apenas no lucro. Por isso Barroso chama atenção para o “judeu dissolvente”, que desorganiza e corrói a sociedade no qual se encontra, colocando em cheque todo um projeto nacional. Corroendo e desestabilizando a sociedade no qual se encontra, o judeu é como coceira, que cada vez mais aumenta, sendo necessário coibir a entrada deste no país.

Com o fim da Idade Média o mundo enfrentou um caos total, o judeu se infiltrou em organizações secretas, vários participantes/teóricos da Revolução Francesa eram maçons, datava de muito tempo a rebeldia do judeu, um povo sem amor a pátria, que se opôs a leitura do verdadeiro cristianismo, o judeu sempre conspirou.

Adepto de um “antissemitismo tradicional”, em tese, destituído de ligação racial, tal posicionamento não se sustenta quando miramos com cautela os textos de escritor integralista. Barroso “cava” a ofensa e a agressividade do judeu, seja na política, no campo ideológico, na economia, etc, em defesa de seu posicionamento antissemita, ou seja, afim de justificar sua posição extremamente ofensiva, se contrapõe ao “racismo judaico”. Não é sem razão que quando não remete suas argumentações sobre o judeu tendo por base escritores anti-semitas conhecido mundialmente recorre aos *Protocolos*, uma fraude que chegou a conquistar mente da extrema direita em vários países. Barroso encabeça o pensamento típico da direita ultra conservadora brasileira: era anti-democrata, considerava desordem social movimentos proletários como socialismo, anarquismo e comunismo. Temeroso pela subida ao poder de novos estratos sociais, o discurso de Barroso é antes de mais anda de sua classe, um pensamento conservador sempre feito a partir do preconceito e da intolerância, que sempre marcou a face autoritária do estado brasileiro. O anti-semitismo possui raízes, estar imerso no pensamento social brasileiro que tem início com a chegada do colonizador, “racialmente superior”, a falta extremamente agressiva e sua ojeriza quanto ao judeu, integra uma visão da formação do Brasil enquanto nação autoritária, excludente e racista. Tucci Carneiro encara o anti-semitismo do estado brasileiro, dos anos 1920/1930 como continuação de um estado intolerante e fundado sob o preconceito

“Com a instauração do estado autoritário estadonovista e o crescimento das ideias nacionalistas, o anti-semitismo encontrou um campo propício à sua eclosão. Entretanto, este momento não foi gerado nas entranhas no Estado Novo. A situação vinha, há muito tempo, sendo fermentada a partir de ideologias anteriores que, apesar de não permanecerem constantes e uniformes, influenciaram para que, nos anos 30, tais ideias preconceituosas viessem à tona insufladas pelos acontecimentos que pontilhavam a política nacional e internacional” (CARNEIRO, 2001, 45)

Todos os males ocorridos no campo político, social e econômico foram causados pela liberal democracia, o marxismo era senão pensamento burguês que não se mantinha aquilo que se propunha. Descendo as teias do pensamento do pensamento de Marx, combatia este por ser uma filosofia materialista, contrário ao espírito, elemento central para argumentação de Barroso. Desse modo tecia toda uma história de mazelas ocasionada pelo judeu. Este é culpado ou responsável por todo tipo de desordem, um povo errante, rebelde ao verdadeiro cristianismo, racista, desobediente a palavra de deus. Se Barroso não pensa como a corrente ortodoxa que atribui a morte de Jesus ao judeu, não é piedoso quanto ao povo de Israel. Em seus

escritos presenciamos termos como piolho, micróbio, verme, coceira, camarilhas de ladrões e aventureiros, bando de criminosos, expressões segundo Tucci Carneiro de *profilaxia social*.

A imagem de Barroso sobre o judeu é extremamente malevolente. Em vários aspectos o judeu é concebido de forma negativa. Socialmente é um ser dissolvente, que corrói e assim trava o desenvolvimento da sociedade onde se encontra, não se mistura ou não se deixa assimilar mostrando-se racista; politicamente é “povo” apátrida, que não se preocupa com o desenvolvimento do país que reside, é simpatizante das correntes do anarquismo, socialismo e comunismo, produtos da realização da Liberal Democrata. Desde sempre conspirando, reunindo-se em organizações secretas o judeu esteve por trás de todos os movimentos liberais no Brasil, mais que isso: Fernando de Noronha (o judeuzinho de Goa), foi o primeiro judeu que desembarcou em terras Brasileiras. O anti-semitismo é o eixo central dos textos integralistas de Barroso, conforme aponta Cytrynowicz, a ideia de conspiração perpassa toda sua obra, e os Protocolos é o ponto de apoio que sustenta todo o ódio ao povo de Israel. Desde épocas passadas se reunindo ocultamente, a ideia de conspiração integra o pensamento delirante de Barroso, como de figuras expressivas da Igreja e do estado brasileiro, de países da América, da Europa, etc.

Conspirador, responsável pelas mazelas sociais no mundo, o discurso de Barroso soa a altura ou é proporcional ao que acredita ser de responsabilidade judia, é assim que se processam seus ataques à bucha, ao *Kahal*, ao pensamento que tomou conta da Faculdade de Direito de São Paulo, ao poder da pequena Sinagoga presente em São Paulo, que acabou influenciando a economia nacional, o pequeno grupo de judeus em benefício próprio entregou nosso mais importante produto, no caso, o café, endividando o país. Traçando sua *História Secreta do Brasil*, busca colocar no palco o que acontece nos bastidores, o escritor se preocupa com o primeiro judeu que chegou ao Brasil, sua preocupação e temor ao judeu é tamanha que busca sempre algo que tenha relação judaica: seja com relação a nomes de famílias, a símbolos maçônicos, ou algo que remonte aos Protocolos, podemos dizer que seus livros se reduzem a atacar o judeu. Os *Protocolos* não deixavam dúvidas, o judeu tinha um plano de dominação mundial, dessa forma a fala impiedosa de Barroso se mantinha como coerente.

“Em vez de provar a autenticidade dos Protocolos, Butni a considera demonstrada pela maldade previamente proclama dos judeus – maldade que deveria ser provada precisamente pelos Protocolos. Estes, em vez de convencerem o leitor do espírito criminoso de um grupo inteiro, devem apoiar-se, para encontrarem fé, na mentalidade anti-semita anterior dos leitores. Só a base dessa mentalidade parecerão plausíveis, segundo a opinião do próprio Butni. Fiam-se, portanto, os divulgadores dessa fraude no preconceito e apelam a esse preconceito para “legitimar” o ingênuo círculo vicioso em que se movem: não temos provas reais; mas os anti-semitas entre os nossos leitores acharão o conteúdo dos Protocolos suficientemente provado pelo fato de este mesmo conteúdo confirmar-lhes a necessidade de serem anti-semitas. (ROSENFELD, 1976, 39)

Errante, organizando-se sempre de forma secreta, conspirador, ateu, comunista, o judeu colocava em risco o desenvolvimento de toda sociedade ou civilização, corroía, dissolvia. Barroso, em nome de um projeto nacional extremamente autoritário e conservador, diante da malevolência do judeu, alertava para a invasão judaica. Fazia analogia à coceira, chamando atenção para a quantidade de judeus que estavam no Brasil. Designava os judeus de piolhos, que infestava a sociedade. Dominado a Imprensa, a economia mundial, o judeu organizava o comunismo no Brasil, comercializava armas secretas no Rio de Janeiro, envolvia com rede de espionagem e de prostituição de mulheres. Tudo que pode colocar em xeque o estado brasileiro é prontamente atacado por Barroso, mas lembremos que o judeu descrito por Barroso é um judeu imaginário, um judeu que a elite conservadora pensava ser o judeu residente na Europa. Temeroso pela subida ao poder de novos estratos sociais, o discurso de Barroso é o discurso das classes conservadoras, integra o pensamento conservador de um Estado brasileiro que sempre teve a exclusão como instrumento de sua formação.

II. ANTI-SEMITISMO: RACIAL OU MORAL?

O anti-semitismo de Gustavo Barroso surge no seio da Ideologia integralista, ainda que este seja tema que menos apareceu nos jornais do movimento, como aponta Héglio Trindade. A postura anti-semita aberta de Barroso, diferente da posição – nesse tópico - moderada de Plínio Salgado e Reale. Para boa parte da historiografia, a hostilidade do escritor cearense aos judeus não possui ligação racial, é moral, argumento do próprio escritor, incidindo sobre o “espírito” judeu, grande culpado pelos males mundiais; para outros, o chefe dos *camisas verdes* associava todo um imaginário negativo a raça judia, propondo até a eliminação desta. Nessa perspectiva, de maneira sutil, o integralista cearense era adepto do *darwinismo social* e comungava do ideário eugênico, na construção do Brasil pensando pelo movimento do Sigma. Nossa preocupação é justamente esta: qual a “natureza do anti-semitismo” de Barroso? Como esse imaginário totalmente negativo se configura em sua produção integralista?

Toda a historiografia reconhece a influência dos regimes totalitários no pensamento de Barroso. Elementos históricos como a Primeira Guerra Mundial, A Revolução Russa de 1917, a Crise de 1929, apenas sedimentaram a postura de setores de direita, como a Igreja, setores do estado e parte de uma. Por outro lado, alguns intérpretes de Barroso não veem relação alguma entre sua hostilidade aos judeus com características raciais do povo de Israel. E, finalmente, há aqueles que veem até um projeto de eliminação dos judeus (JESUS, 2006; CRUZ, 2004). O cenário de totalitarismo europeu frente ao “vazio” político brasileiro suscitou diferentes colocações sobre a postura intelectual do escritor cearense, salientando que a turbulência do momento foi crucial em sua obra.

Sem dúvida, o traço mais importante na obra integralista de Barroso é sua visão sobre o judeu, elemento que aparece até mesmo em seus trabalhos de memória¹. É indispensável entendermos o movimento integralista, seu surgimento e propósito na formação de um novo estado nacional brasileiro, para a compreensão do anti-semitismo de Barroso.² Com o trabalho inaugural de Tucci Carneiro, esta historiografia identifica Barroso como um escritor radical com relação ao judeu. (CARNEIRO, 2001) Em um momento de exacerbado nacionalismo, decorrente do “temor comunista” e do choque de vários estratos sociais por suas vertentes ideológicas díspares, vários autores recorrem ao momento político-totalitário da época, onde se forjou a imagem negativa do judeu por setores conservadores, principalmente, da Igreja. Se o racismo “científico” assimilado pela elite intelectual e política brasileira a partir das três últimas décadas do século XIX, sofrera uma revolução historiográfica na década de 1930, nos anos 1920 e 1930, veremos não apenas a continuidade da mentalidade conservadora da elite brasileira apelando para critérios racistas, como também discursos radicais sobre aquilo que era considerado uma “raça indesejável”. Era evidente a preocupação de um Brasil que combatia uma economia agrária, preocupado com a mecanização de corpos e de almas, estereotipando e marginalizando todos os problemas nacionais sobre a figura do judeu, postura de vários intelectuais, dentre estes, de Gustavo Barroso. (LENHARO, 1985)

Barroso defende o processo de eliminação dos judeus na cultura brasileira, porque acredita no mal acarretado pela presença deste no Brasil. A ideia de um complô judaico é uma constante em sua produção, a questão anti-semita é o eixo central de sua obra. Erige uma história mítica manietada pela ideia de complô, arquitetado pelos judeus, presentes seja em organizações secretas, instituições financeiras, nos regimes democráticos liberais, nos regimes de esquerda, e até mesmo comercializando armas. Desde o nascimento de Cristo, na Idade Média, o judeu já orquestrava o mundo reunindo-se em todo da cabala. Tudo que se ligue ao judeu é duramente criticado por Barroso.

Uma corrente historiográfica que investiga a gênese anti-semita de Gustavo Barroso é representada por Tucci Carneiro, que aproxima Barroso do Nazismo. Reconhece a autora que o anti-semitismo do integralista não passava pelo viés racial, incidia sobre o “judeu conspirador”, símbolo do mal. Conforme a autora, é indiscutível o anti-semitismo por parte do estado brasileiro, por toda uma elite Rio Branco e de intelectuais, dentre estes, Barroso, restringindo a entrada de judeus no país na década de 1930, por meio de uma política restritiva comprovada pelas circulares secretas. Carneiro foi quem primeiro analisou este anti-semitismo, designado como de “corte moderno”, embora analise ligeiramente o anti-semitismo tradicional, tema central de Novinsky. Tucci Carneiro vê uma “política restritiva” à imigração dos judeus, tangidos pelo

¹ Veja o caso de “O Judeu Maltês”. BARROSO, Gustavo. Liceu do Ceará. In: Memórias de Gustavo Barroso. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1989. p.178

² O principal trabalho nesse âmbito é a defesa de Héglio Trindade que acabou possibilitando uma releitura de Barroso. Sua tese acabou por ser marco por contribuir para o surgimento de vários trabalhos na década de 1990, dentre estes, os de Chor, Cytrynowicz, Carneiro, trazendo uma contribuição nunca vista na historiografia concernente ao tema.

Nazismo que buscavam abrigo no Brasil, que ainda que possuíssem uma visão negativa do país, que para a autora não deixa de ser uma resistência direcionada (CARNEIRO, 2012). Conforme a autora “o discurso anti-semita veiculado no Brasil entre 1930 e 1945 reunia atributos que, no seu conjunto, transformavam o judeu em um ser parasita, indigesto” (CARNEIRO, 2010, 223) Carneiro reconhece em Barroso um anti-semita de “corte moderno”, mais próximo ao Nazismo do que simpatizante a um anti-semitismo de traço clássico, de ligação cristã. Para sustentar sua tese acerca de Barroso, Carneiro arrola a influência de autores racistas como Bertrand, Léon Bloy, Edouard Drumont, Bernard Lazare e Leon de Poncis.

Nesta linha, se insere o estudo de Carlos Nóbrega de Jesus, que defende o posicionamento radical de Barroso, em contraposição às posições de Plínio Salgado e Miguel Reale. De outro modo, não apenas Barroso aderiu ao anti-semitismo, como os demais líderes do Integralismo o fizeram, com uma diferença: era o líder cearense que defendia abertamente seu anti-semitismo, ao passo que Salgado e Reale diluíram a hostilidade ao judeu, ora combatendo o comunismo, ora ao capitalismo deste. Nóbrega conclui que: “é importante salientar que o aparente nacionalismo do título e dos conteúdos das obras do autor é subproduto do anti-semitismo explícito, fundamentado em concepções difamatórias e discriminatórias, que revelam o caráter racista do autor”. (NÓBREGA, 2006, 117)

Outra corrente historiográfica que descarta o anti-semitismo de Barroso ligado a aspectos raciais traz nomes como os de Antônio Rago. Para o autor, a posição de Barroso não possui ligação racial, está ligada a aspectos morais, uma vez que o judeu é retratado como “eterno conspirador”, açambarcador, sempre usurário, obstando a formação da cultura brasileira. O anti-semitismo de Barroso não era sintoma da política eliminacionista do Nazismo alemão, uma vez que o escritor não defendia o confinamento dos judeus em guetos. Seu plano seria mais amplo e profundo: começaria por meio de uma revolução espiritual, conforme pregava o *Manifesto Integralista*. As crenças católicas de Barroso, seu caráter forte e o apego às tradições, traço da crença maior da revolução de espírito, descartavam qualquer ligação racial de seu anti-semitismo.

Apesar deste não ser um trabalho que nos ajude na identificação do anti-semitismo de Barroso, somado ao fato de ser a questão anti-semita tema secundário no movimento integralista, o autor identifica o anti-semitismo de Barroso como radical, supostamente “menor” em Plínio Salgado e Reale. Segundo Trindade não existiram conflitos étnicos no Brasil e a cultura judia manteve sua identidade, como nos lembra Cytrynowicz. Conforme Trindade, “Gustavo Barroso é praticamente o único teórico de uma corrente antissemita radical, ao passo que os outros doutrinadores, sem contestar aspectos nocivos da ação judaica, especialmente ao nível das finanças internacionais, parecem mais reticentes em aceitar a tese de que se pode reduzir o conjunto dos adversários do movimento ao judaísmo” (TRINDADE, , 1974, 252/253).

Zilda Gricoli não vê uma política oficial anti-semita por parte do estado brasileiro, ideia corroborada por Marcos Chor e Cytrynowicz. Tais autores reconhecem o anti-semitismo de Barroso, a existência de um estado com práticas de hostilidade aos judeus, a simpatia de Vargas ao Nazismo e ao Fascismo, mas

combatem a “supervalorização” anti-semita presente no Estado brasileiro, conforme estudo de Carneiro. (YOKOI, 2004)

Roney Cytrynowicz ³, embora reconheça o anti-semitismo nas esferas do poder, inclusive com a proibição do *íidiche* nas escolas de São Paulo, pensa que houve desenvolvimento da cultura judaica por meio de suas entidades religiosas e filantrópicas, assim como em escolas e até mesmo em programas de rádio. Conforme Cytrynowicz, “o antissemitismo, com exceção de Barroso, mantinha o preconceito com um ponto secundário e genérico”, corroborando o ponto de vista de Trindade. (CYTRYNOWICZ, 1992, 396) A ideia central é que “o preconceito presente em esferas do governo, do Itamaraty, do corpo diplomático, da ação da polícia política, no Integralismo e em outros círculos intelectuais não se transformou em ações concretas dentro do Brasil”, argumento bem conhecido de Robert Levine. (LEVINE, 1980)

Marcos Chor tipifica o anti-semitismo de Barroso de “corte moderno”, seguindo a visão de Hannah Arendt. Identificando uma tipologia anti-semita (histórico, sociológico, político, ideológico), podemos considerar Barroso um adepto do “anti-semitismo moderno”, que em tese ojerizava o judeu não motivado por critérios religiosos, mas sim “políticos”, emanando daí o critério racial. A imagem do judeu para Barroso é extremamente negativa, em todos os sentidos. Esta imagem vai do judeu apátrida, que só visa o lucro até o fomentador de revolta que põe em risco toda uma ordem social. A nosso ver, Gustavo Barroso jamais foge ao aspecto racial quando se refere ao judeu! (MAIO, 1992)

Os estudos de Avraham Milgram e Lesser relativizam o anti-semitismo analisando as políticas migratórias⁴ existentes naquele momento. Lesser vê ambiguidades na política migratória do governo Vargas, indo de encontro a ideia central de Carneiro. De maneira estratégica, o autor vê brechas nas políticas imigratórias: pressionado por alguns países e por uma perspectiva modernizante, o Estado brasileiro tratou de maneira diferente determinados grupos judeus, valorizando a capacidade intelectual e a habilidade mercantil, num estado que buscava se modernizar. Dessa forma, judeus com tais características eram bem vindos ao Brasil.

³ “Não há dúvida de que a política do governo brasileiro foi conivente com o anti-semitismo na Europa. Embora o Estado Novo tivesse núcleos ideológicos afinados com regimes de extrema direita, como os de Portugal e Polônia, com o fascismo italiano e mesmo com o nazismo alemão, não se pode no entanto defini-lo com um regime fascista ou nazista, historiograficamente falando”. Mesmo com a política de combate a imigração de “indesejáveis” na prática esta política jamais impediu a entrada de judeus no Brasil. Ibidem. p.396.

⁴ Milgram analisa a política imigratória no momento de expansão nazista, todas as tentativas de imigração coletivas foram frustradas, ao passo que as individuais obtiveram êxito. Pressões internacionais, ao contrário do que apontam alguns estudos diminuíram a perversidade dos dispositivos contra a imigração. Neste estudo o autor aborda a relação do governo de Vargas com o Vaticano onde milhares de não católicos não arianos chegaram ao Brasil. O autor coloca em questão teses que generalizam a política anti-semita do estado brasileiro. Sobre o tema, consultar. MILGRAM, Avraham. Os judeus do vaticano: a tentativa de salvação de católicos não arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942). Rio de Janeiro: Imago, 1994; LESSER, Jeffrey. O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

Assumimos posicionamento análogo ao de Natália dos Reis, Nóbrega, Maio, que pensam Barroso era um escritor racista, possuidor de um projeto eliminacionista para os judeus. Possuidor de uma Teoria das Raças e de uma Teoria da História, mesmo que ora negasse o racismo, ora o afirmasse, num movimento dúbio, contrário a outros escritores integralistas, Barroso acreditava no branqueamento da população brasileira. Segundo Natália Reis,

“afirmar que a proposta barrosiana não tinha conteúdo racial, mas apenas ideológico e político seria negar tudo o que o próprio Gustavo Barroso afirmou nas linhas de sua obra **O Quarto Império**, que foi inclusive, extensamente analisado por Maio, em seu trabalho. Nela estão presentes as linhas mestras de uma teoria das raças, de uma visão da História como determinada pelas características raciais dos arianos e dos semitas, consubstanciada na idéia de luta entre essas duas raças e seus valores. Ocorre que Barroso utiliza um arsenal moralista e religioso a sua proposta de branqueamento e predomínio da raça branca, tanto em termos culturais como raciais”. (REIS, 2004, 219-220)

III. Conclusão

Surgido em 1932 e extinto com o golpe que estabeleceu o Estado Novo, o Integralismo forneceu uma significativa contribuição para pensar o Brasil dos anos 1930. Diversas correntes ideológicas ofereciam o “melhor” caminho, o Estado se tornaria ainda mais conservador para as classes trabalhadoras ou estas ficariam mais próximas de alcançarem o poder. Criticando radicalmente setores reacionários da política tradicionalista do Estado clássico brasileiro ou pregando o fortalecimento do mesmo, as vertentes ideológicas arregimentaram nomes ilustres envolvidos em torno do Modernismo de 1922. O Integralismo trouxe questões jamais vistas na história brasileira, como por exemplo, fundamentar um projeto brasileiro a partir de requisitos cristãos, tornando indispensável à revolução espiritual. Gustavo Barroso, homem de influência política e comprometido com setores conservadores combateu tenazmente ideologias de esquerda, admirador que era dos regimes autoritários da Itália e Alemanha. Entusiasmado pela ideologia de um Estado forte, formado a partir de valores cristão, Barroso elaborou um projeto nacional – ainda que não tenha formulado uma teoria de Estado –, a partir do Chefe, atraindo um movimento de massa jamais visto na história do país. Defensor de um estado forte combateu tenazmente ideologias de esquerda, e sendo voz altissonante da elite tradicionalista, católica e conservadora brasileira. Como na América e em vários países da Europa, hostilizou o judeu por pensar este como conspirador, ganancioso, corrosivo, pondo em xeque o desenvolvimento da nação brasileira.

IV. Bibliografia

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Cidadão do mundo: o Brasil durante o Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo (1933-1948). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

_____. O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945). 3º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. O Veneno da serpente: reflexões sobre o Anti-Semitismo no Brasil. Perspectiva, 2003.

CHASIN, José. Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo Hiper-tardio. São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1978.

CRUZ, N.R. O integralismo e a questão racial. A intolerância como conflito. 281 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

CYTRYNOWICZ, Roney. Integralismo e Anti-semitismo nos Textos de Gustavo Barroso na década de 30. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH, 1992.

IOKOY, Zilda Márcia Gricoli. Intolerância e resistência: a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1939-1975). São Paulo: Humanitas, 2004.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: revisão e as estratégias da intolerância, 1987-2003. São Paulo: UNESP, 2006.

LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

LESSER, Jeffrey. O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LEVINE, Robert. O regime Vargas: anos críticos (1934-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

discriminação racial e étnica na constituição de 1934. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, 1975.

MAIO, Marcos Shor. Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MAIO, Marcos Shor; CALAÇA, Carlos Eduardo. “Um balanço da bibliografia sobre o antissemitismo no Brasil”. In: GRINBERG, Keila (Org.). Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005. p. 425-469.

MILGRAM, Avraham. Os judeus do vaticano: a tentativa de salvação de católicos não arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942). Rio de Janeiro: Imago, 1994.

NOVINSKY, A. Cristãos Novos na Bahia: A Inquisição no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1992. Os Protocolos dos sábios de Sião. P. A., Revisão, 1989. (Tradução de Gustavo Barroso)

RAGO FILHO, Antônio. A crítica romântica a miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso. São Paulo: PUC, 1989.

TRINDADE, Hégio Henrique. Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30. 2.º Ed. São Paulo: Difel, 1979.

VESENTINI, Carlos Alberto. A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: Hucitec, 1997.